

A “CIDADE-PERFUME” E SEU “SPORT CLUB”: lazer, cultura e as redes de sociabilidade no distrito-sede de Iguaçu (1917-1939).

Diogo Piassá das Mercês¹

Resumo

A “Cidade-Perfume”, um dos adjetivos atribuídas ao distrito-sede de Iguaçu por seu envolvimento com a Citricultura, experienciou intervenções urbanísticas que reorganizaram seu traçado. Praças, bares, abertura e/ou melhoramento de ruas, estabelecimentos comerciais, clubes esportivos, cinemas e novos logradouros públicos estavam entre as ações empreendidas pela municipalidade. O núcleo central da cidade trajava-se de gala para os “novos tempos” vindouros. Acompanhando de perto as intervenções, Silvino de Azeredo e sua folha, o *Correio da Lavoura* - um dos 20 periódicos mais antigos do Brasil, ainda em circulação - ao passo que publicizava as práticas de governança local, transitava, também, por espaços formais e difusos de sociabilidade. Entre esses, o Sport Club Iguaçu ocupa um lugar de destaque, espreado-se para além de seus limites. A prefeitura e o “Club”, por vezes, se confundiam. Dialogando com Pesavento (2007), o trabalho propõe uma breve compreensão das múltiplas cidades que coabitam intrinsecamente no distrito-sede de Iguaçu e as ações pedagogizantes propostas pela governança local. Cunha (2008) fornece as bases para o entendimento de como esses espaços mediados transmutam-se em *lugares* e *territórios* sociais. A metodologia utilizada foi a Pesquisa Histórica no/com o periódico local. Por fim, os trabalhos de Alexandre (2021), Dias (2014), Silva (2009), Melo (2015) e Simões (2007) completam o arcabouço teórico utilizado para escrutinar as práticas sociais iguaçuanas do período. Espera-se, com essa proposta, colaborar com a produção de conhecimento sobre as ricas histórias da cidade de Nova Iguaçu. **Palavras-chave:** Baixada Fluminense. Iguaçu. Sociabilidade. Imprensa. Espaços Difusos.

THE PERFUME CITY AND ITS SPORT CLUB:

¹ Doutorando e Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGE-UFRJ), possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) (2021) e graduação em História pela Rede Claretiano de Educação (2022). Pós-Graduado em Neuropsicopedagogia e Psicomotricidade pela Faculdade Única de Ipatinga (2023). Participante do Laboratório de Pesquisa e Ensino em História da Educação (LPEHE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1078-9431>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4705872356257362>.

leisure, culture and social networks in the district headquarters of Iguaçú (1917-1939).

Abstract

The "City of Perfume," a moniker attributed to the district seat of Iguaçú due to its involvement in citrus farming, has undergone urban interventions that reorganized its layout. Squares, bars, the opening and/or improvement of streets, commercial establishments, sports clubs, cinemas, and new public spaces were among the actions undertaken by the municipality. The city's central area was adorned for the forthcoming "new times." Closely following these interventions, Silvino de Azeredo and his newspaper, the *Correio da Lavoura*—one of the 20 oldest periodicals still in circulation in Brazil—publicized local governance practices while also engaging in formal and informal spaces of sociability. Among these, the Sport Club Iguaçú holds a prominent place, extending its influence beyond its immediate boundaries. The municipality and the "Club" often intertwined. In dialogue with Pesavento (2007), this work proposes a brief understanding of the multiple cities that intrinsically coexist in the district seat of Iguassú and the pedagogical actions proposed by local governance. Cunha (2008) provides the foundations for understanding how these mediated spaces transform into places and social territories. The methodology employed was Historical Research in/with the local periodical. Finally, the works of Alexandre (2021), Dias (2014), Silva (2009), Melo (2015), and Simões (2007) complete the theoretical framework used to scrutinize the social practices of Iguaçú during the period. This proposal aims to contribute to the production of knowledge about the rich histories of the city of Nova Iguaçú.

Keywords: Baixada Fluminense. Iguassú. Sociability. Press. Diffuse Spaces.

LA CIUDADE-PERFUME Y SU SPORT CLUB: ocio, cultura y redes de sociabilidad em el distrito sede de Iguaçú (1917-1939).

Resumen

La "Ciudad-Perfume", un apodo atribuido al distrito sede de Iguaçú por su participación en la citricultura, ha experimentado intervenciones urbanísticas que reorganizaron su trazado. Plazas, bares, la apertura y/o mejora de calles, establecimientos comerciales, clubes deportivos, cines y nuevos espacios públicos estuvieron entre las acciones emprendidas por el municipio. El núcleo central de la ciudad se vestía de gala para los venideros "nuevos tiempos".

Siguiendo de cerca estas intervenciones, Silvino de Azeredo y su periódico, el Correio da Lavoura—uno de los 20 periódicos más antiguos todavía en circulación en Brasil—publicitaban las prácticas de gobernanza local, al tiempo que transitaban por espacios formales e informales de sociabilidad. Entre estos, el Sport Club Iguaçú ocupa un lugar destacado, extendiéndose más allá de sus límites. A menudo, el municipio y el "Club" se confundían. Dialogando con Pesavento (2007), este trabajo propone una breve comprensión de las múltiples ciudades que cohabitan intrínsecamente en el distrito sede de Iguassú y las acciones pedagógicas propuestas por la gobernanza local. Cunha (2008) proporciona las bases para comprender cómo estos espacios mediados se transforman en lugares y territorios sociales. La metodología utilizada fue la Investigación Histórica en/con el periódico local. Finalmente, los trabajos de Alexandre (2021), Dias (2014), Silva (2009), Melo (2015) y Simões (2007) completan el marco teórico utilizado para escrutar las prácticas sociales iguazuenses del período. Con esta propuesta, se espera contribuir a la producción de conocimiento sobre las ricas historias de la ciudad de Nova Iguaçú.

Palabras clave: Baixada Fluminense. Iguassú. Sociabilidad. Prensa. Espacios Difusos.

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a nossa conversa aqui, caro(a) *autor-leitor(a)*², proponho, de largada, um exercício. Vamos lá: imagine uma cidade, qualquer cidade, seja de perto ou de longe. Agora, elenque alguns locais, nessa urbe imaginada, onde possam ser identificados prédios e/ou instituições que exerçam influência sobre os sujeitos que por ali residem e/ou transitam. Feita essa atividade, posso conjecturar que lugares como prefeituras, hospitais, escolas, câmaras municipais e delegacias, por exemplo, tenham, de pronto, permeado seu pensamento. Tais espaços, sem dúvida, exercem certa imponência ante a sociedade, seja por sua monumentalidade, aquilo que buscam representar ou, até mesmo, pelo significado que cada sujeito atribui a esse espaço de embate,

² Ambos somos autores da obra apresentada aqui. Eu, na função de autor-escritor, produzindo o manuscrito que será posto à prova no decurso de sua apreciação e você, autor-leitor, que, após devorar, saborear e deglutir minhas palavras, produzirá outros tantos sentidos e percepções para as palavras aqui escritas.

já que somos nós, seres humanos, que atribuímos sentidos aos objetos. Contudo, quais outros espaços, também nas cidades, não de maneira formal, mas de forma difusa, exercem as mesmas influências e, por vezes, tendem a serem mais significativos? Feiras? Ruas e becos? Bares? Clubes?

Esses espaços de (des)encontros, formam redes de sociabilidade e solidariedade que permeiam outros tantos espaços para além de suas regiões circunscritas e/ou zonas de influências. Nesses microcosmos sociais, acordos são produzidos, acertos são desfeitos, relações e amizades são construídas e inimizades desfeitas. As cidades pulsam, cortam e contam muito mais que seus documentos oficiais têm a nos informar. O historiador Michel de Certeau (1984), certa feita, ao visitar a cidade de Nova York, foi levado ao topo do prédio mais alto dos Estados Unidos da América: o Empire State Building. Lá chegando, seu acompanhante lhe disse: “essa é a cidade de Nova York”. Ele, prontamente respondeu que a “cidade” de Nova York não são os prédios ou os arranha-céus. Pelo contrário, o pulsar da rua, o trânsito das pessoas, os conflitos, as burlas e as artimanhas citadinas que representam o espírito das cidades. Aquilo que não está escrito em documentos ou manuais, mas que é reimpresso diariamente nos cotidianos é o que movimenta as urbes. E com o distrito-sede de Iguazu não foi diferente. Locais privilegiados, como o Sport Club Iguassú, experimentaram um protagonismo junto à sociedade iguaçuana das primeiras décadas do século XX. É sabido que outros locais, também na porção central, receberam alguma atenção. No entanto, dado os limites estabelecidos para este artigo, optei por trazer luzes especificamente sobre a atuação do clube iguaçuano na esfera política na terra das laranjas. Assim sendo, o trabalho aqui apresentado tem como objetivo principal tecer algumas aproximações entre os espaços não-formais locais e suas confluências para a emergência do distrito-sede de Iguazu entre os anos 1917 e 1939. A metodologia escolhida para a coleta e análise dos vestígios foi a Pesquisa Histórica articulada com consultas as edições digitalizadas do *Correio da Lavoura*.

O LUGAR, O ESPAÇO, OS TERRITÓRIOS E OS APARATOS CULTURAIS DAS CIDADES DE IGUASSÚ: ALGUNS CONCEITOS

Ao longo da pesquisa empreendida para a confecção desse trabalho, pude conhecer um pouco melhor a cidade que me (de)formou pesquisador, Nova Iguaçu - cidade localizada na atual Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro - e alguns de seus sujeitos históricos. Entre eles, destaco a figura de Silvino de Azeredo, um intelectual afroiguaçuano, fundador do periódico *Correio da Lavoura*³, que figura entre os 20 jornais mais antigos do Brasil ainda em circulação, hoje no formato digital. Ao me debruçar sobre seus (des)caminho, pude conhecer e compartilhar um pouco dessa Iguaçu, da cidade que procurava se fazer “nova” a partir das relações estabelecidas entre intelectual iguaçuano e os espaços pelos quais transitava.

Como primeiro aprendizado no percurso formativo, posso citar, sem dúvida, o entendimento da pluralidade da vida e, também, dos sujeitos que procuramos escrutinar. Não houve - e não há - desejo de imputar certezas em seus (des)caminhos. Pelo contrário, esses e essas estavam, assim como nós, procurando acertar, errando, construindo, derribando e consumindo nossos cotidianos e edificando outros tantos sentidos para a singularidade da vida, seja ela solitária ou coletiva. E a cidade, fruto da ação humana, também é formada/reformada/deformada a cada novo (des)encontro, (des)arranjo e ressignificação, já que as cidades “são por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significados ao mundo” (PESAVENTO, 2007, p. 14).

³ O periódico *Correio da Lavoura* é um dos 20 periódicos mais antigos do Brasil, ainda em circulação, hoje no meio digital. Fundado em 22 de março de 1917 por Silvino Hypolito de Azeredo Coutinho, um afroiguaçuano, em continuação do *Correio de Iguaçu*, possuía como divisas “a lavoura, a higiene e a instrução”. Na empreitada, foi auxiliado por seus filhos, também jornalistas, e seu amigo e sócio, Silvino Silvério. A experiência jornalística dos Azeredo, no distrito-sede de Iguaçu, é uma das entradas para se estudar as ricas histórias da Grande Iguaçu. Para saber mais sobre consultar: DIAS (2014) e ALEXANDRE (2021).

As cidades, então, só possuem o estatuto de *território* na interação humana porque nós, os sujeitos, imputamos esses sentidos a elas. Há um adágio popular que diz que “nossa casa é onde está o nosso coração”, isto significa que é a partir das ressignificações dos espaços, na atribuição de certos valores e pesos, que determinados *locus* podem ser perspectivados como “casa” no sentido de conforto, afeto, brigas, dissensões, vivências e enfrentamentos. De igual modo, o mesmo pode ser estabelecido para as urbes. Uma cidade só é entendida enquanto tal porque, por algum tempo, determinado ou não, sujeitos por ali transitaram, ressignificaram suas ruas, becos, vielas, condutas e práticas e, também, deixaram marcas, sejam temporárias ou permanentes.

A pesquisadora Sandra Jatahy Pesavento, em seu artigo “Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias” (2007), produziu uma significativa reflexão sobre um dos vários sentidos atribuídos às cidades e as formas como nós, aqueles que transitam por elas, as consumimos e as reinterpretamos, de acordo com nossas proposições momentâneas. Em diálogo com a pesquisadora, podemos compreender que essa “cidade (...) é aquela responsável pela atribuição de sentido e significados ao espaço e ao tempo que se realizam *na e por causa* da cidade. É por esse processo mental de abordagem que o espaço se transforma em *lugar*, ou seja, portador de um significado e de uma memória” (PESAVENTO, 2007, p.15).

As urbes, nesse entendimento, alternariam de *espaços*, para *lugares* e *territórios*, por e a partir dos jogos e das relações de poder que por eles se irradiam/convergem. Dialogando, assim como Pesavento (2007), com essas categorias de análise, a pesquisadora Maria Isabel da Cunha, em seu artigo “Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários” (2008), mediando uma articulação profícua com os saberes do campo da Geografia, produziu interseções entre os conceitos geográficos e as ações dos sujeitos nas esferas formativas dos docentes universitários, assim como seus limites e potencialidades. Tal trabalho, ainda que em um sentido diferente do que aqui é proposto, colabora de maneira substancial na compreensão de como os sujeitos transmutam as urbes em

espaços. As cidades são *espaços*, ou seja, carregam consigo, a partir da interação entre os sujeitos, possibilidades e potencialidades. Segundo Cunha (2008, p. 4), “a dimensão humana é que pode transformar o espaço em um lugar” já que:

O lugar se constitui quando “atribuímos sentido aos espaços, ou seja, reconhecemos a sua legitimidade para localizar ações, expectativas, esperanças e possibilidades”. Quando se diz “esse é o lugar de”, extrapolamos a condição de espaço e atribuímos um sentido cultural, subjetivo (...) (CUNHA, 2008, p. 4).

Nessa direção, as urbes carregam em si o estatuto da urbanidade, isto é, do conjunto de valores, crenças, modos de fazer/ não fazer, burlas, artimanhas e atalhos que são e estão relacionados com as vidas pulsantes nas/das ruas, já que “o lugar, então, é o espaço preenchido, não desordenadamente, mas a partir dos significados de quem o ocupa” (CUNHA, 2008, p. 5). Essas ocupações estão permeadas por jogos de poder, que ressignificam, novamente, esses lugares em *territórios*, onde o “território tem uma ocupação, e essa revela intencionalidades: a favor de quem e contra quem se posiciona. Nessa perspectiva, não há territórios neutros. A ocupação de um território se dá no confronto entre forças” (CUNHA, 2008, p. 5). E essas forças, que atuam de múltiplas formas nos espaços citadinos, estão convergindo e divergindo a todo momento, de acordo com as conjunturas políticas e sociais dos períodos por nós estudados.

Como foi estruturado por Cunha (2008), não há nas cidades espaços “neutros”. Suas ruas, becos, vielas, clubes, bares, cinemas e teatros, por exemplo, são *locus* de convergência e divergência. A permeabilidade de tais lugares extrapola sua função primária, isto é, seus usos e sentidos são ressignificados pelos sujeitos que consomem tais aparatos culturais. Melo e Peres (2005) ao tratarem sobre esses espaços públicos, informam que esses estiveram voltados “para os interesses dos grupos sociais ligados às elites econômicas; contudo, ainda assim, havia possibilidades contantes para a participação das camadas populares” (MELO, PERES, 2005, p. 3), o que ofertava

maior dinamismo e um significativo impacto nos arranjos, acordos e acertos entretecidos nesses espaços. Os aparatos culturais e de lazer, dessa forma, assim como os símbolos já socialmente estabelecidos nas cidades, cumpriram o papel de representavam - materialmente e simbolicamente - os intentos e propostas para as mudanças que se avizinhavam. Desta feita, é possível inferir que um clube social/esportivo ou a sede da prefeitura municipal, ou a Câmara estariam em patamar de igualdade nos impactos produzidos dentro das urbes, no caso, o distrito-sede de Iguaçu.

O entendimento dos conceitos perspectivados pelos pesquisadores, ainda que apresentados aqui de maneira breve, auxiliam na compreensão de como os múltiplos espaços mobilizados nas urbes são capturados, apropriados, significados, ressignificados, convertem-se em *territórios* e são constantemente disputados, sejam todos aqueles ditos “oficiais” que foram elencados por mim - e por você -, no início da nossa conversa, como também aqueles outros espaços de sociabilidades que, por vezes, passam despercebidos aos olhos mais ingênuos, mas que carregam em si potência, como redes de sociabilidade e solidariedade. Agora a questão que passa é a seguinte: de que forma esses locais “difusos”, fora das rotas traçadas e dos caminhos “oficiais” podem colaborar para um dos entendimentos das histórias de distrito-sede de Iguaçu?

Para além da Maxambomba⁴ e da Cidade-Perfume⁵: os jogos de poder e as redes de sociabilidade e solidariedade nos espaços não-formais do distrito-sede de Iguaçu

⁴ Maxambomba - ou Machine Bomb (Bomba Mecânica) - designa um tipo de veículo de transporte sobre trilhos muito utilizado durante o ciclo da cana de açúcar. Com a criação da Estrada de Ferro Dom Pedro II - Futura Central do Brasil - em 1852, a linha férrea espraia-se em diferentes direções, chegando, inclusive, ao município de Iguaçu, no Arraial de Maxambomba.

⁵ O município de Iguaçu experimentou diversos ciclos de produção, entre eles a açucareira e a citricultura, sendo esse último o mais referenciado entre os memorialistas locais e muito presente no distrito-sede, Nova Iguaçu. A colheita da laranja é precedida por sua florada, que

O município de Iguacu, entre os anos 1917 e 1939, era - e ainda hoje é - uma região em ebulição. Impactada pelas linhas férreas que desaguam em seu território, os loteamentos das antigas chácaras e fazendas produtoras de gêneros alimentícios, a abertura de novas estradas, assim como as mudanças advindas do Distrito Federal, fizera com que a Grande Iguacu apresentasse perspectivas variadas em cada um de seus distritos. Nas zonas mais as franjas, como Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis, processos emancipatórios ganhavam força, muito influenciados pelo pretense “abandono” do distrito-sede, Nova Iguacu⁶, e mais ainda pelas reformas urbanísticas empreendidas no Distrito Federal. Já na porção central, a cidade experimentava efervescências que eram compreendidas como sinais dos “novos tempos” que se avizinhavam.

Melo e Peres (2005), ao investigarem os impactos dos espaços de lazer e esportes para a constituição das urbanizações, demonstram como esses *lugares* fomentam a formação de novas experiências sociais que se articulam de maneira intrínseca com o caminhar pulsante das ruas. Em seu artigo, os pesquisadores lançam luzes sobre as possíveis aproximações entre as cidades do Rio de Janeiro e Paris, na França. O estudo produzido pelos historiadores colabora significativamente na compreensão da Iguacu que se formava a partir dos estímulos à cultura da laranja e das modificações empreendidas a fim de dar conta da *modernidade* que se ansiava.

Certamente esse conjunto de intervenções multifacetadas pelas quais passaram as cidades, deu origem a novas experiências e desde já queremos argumentar que o lazer não só foi uma delas, como talvez a mais típica desse processo. Cafés, parques, estádios, teatros, possibilidades de acesso ao subúrbio, imersos em uma crescente estrutura comercial, mudam sensivelmente os parâmetros de vida (MELO; PERES, 2005, p. 3).

exala um cheiro doce e agradável carregado pelo vento, fazendo com que a cidade recebesse a alcunha de “Cidade Perfume”.

⁶ Sobre as emancipações, ver: SIMÕES, 2007.

A urbe iguaçuana⁷ experimentou, se não todos os movimentos mapeados pelos pesquisadores, alguns dos fenômenos por eles citados. A criação de bares e cafés, como o Bar Brasil, localizado estrategicamente em frente à estação ferroviária de Iguazu e na passagem de nível que ligava “o lado de lá com o lado de cá”, foi um *espaço* de relevância para a política iguaçuana. Fundado nos idos de 1928, o estabelecimento, as margens da linha férrea D. Pedro II, transformou-se no ponto de encontro dos trabalhadores, citricultores locais e da política iguaçuana, já que “esse elemento de ligação tinha em geral algumas possibilidades de vivência social” (MELO; PERES, 2005, p. 10).

O pesquisador José Cláudio Sooma Silva em sua tese “Teatros da Modernidade: representações da cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920” (2009), confeccionou um estudo onde buscou tecer as aproximações e as singularidades entre as cidades do Rio de Janeiro e Buenos Aires dos anos 1920. Na primeira parte de seu estudo, dedicado à cidade dita “maravilhosa”, o escritor buscou apresentar como uma série de eventos, aparatos públicos, monumentos, edifícios, parque, passeios públicos e outras construções foram edificadas com o objetivo de pedagogizar o caminhar dos sujeitos que permeavam a urbe carioca. Segundo o estudioso:

A passagem dos anos 1920, concorreu para uma intensificação dessa tentativa de fazer com que a população estivesse sob as influências de um aprendizado cotidiano, em que as edificações, ruas, avenidas, passeios, monumentos e etc. passaram a ser encarados como componentes que deveriam integrar um conjunto harmônico e organizado: o ambiente urbano carioca (SILVA, 2009, p. 52).

Ainda que a cidade do Rio de Janeiro não seja o escopo desse trabalho, a produção de Silva (2009) colabora de maneira significativa no entendimento de como as elites citricultoras se relacionavam com o distrito-sede e as relações estabelecidas com os aparatos produzidos com o objetivo, mais uma vez, de

⁷ Cabe aqui o alerta: Ao me referir à população iguaçuana, faço menção à porção central do município de Iguazu, ou seja, ao seu distrito-sede, Nova Iguazu e seus demais habitantes, aparatos sociais e culturais.

inculcar na população local um sentimento de pertencimento com as terras iguaçuanas. A proposta de uma cidade *moderna* e apta aos *novos tempos* auxiliaria na consolidação dos citricultores como “representantes” desses novos tempos, assim como a laranja enquanto símbolo máximo desse “futuro promissor”. A cidade mira o futuro trazendo à memória o seu passado. Nessa direção, trago novamente as colaborações de Pesavento (2007):

Essa cidade do passado é sempre pensada através do presente, que se renova continuamente no tempo do agora, seja através da memória/evocação, individual ou coletiva, seja através da narrativa histórica pela qual cada geração reconstrói aquele passado. É ainda nessa medida que uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um patrimônio catalogando monumentos, atribuindo significado aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos. Mais do que isso, tal processo imaginário de invenção da cidade e de escrita de sua história é capaz de construir utopias, regressivas ou progressivas, através dos quais a urbe sonha a si mesma (PESAVENTO, 2007, p. 16).

A eleição de lendas, tradições e espaços urbanos, dessa forma, pavimentaria nos sujeitos os objetivos estabelecidos como condutas a serem seguidas enquanto norma e prática. Nessa direção, um conjunto de espaços, festejos, práticas, espaços urbanos, edificações, ruas - assim como seus nomes -, bares, clubes sociais e esportivos, igrejas, hospitais e outros, conformariam na população iguaçuana uma “identidade⁸” local. Os bairros, por exemplo, seriam “representantes” dessa tradição local.

O lado esquerdo da linha, o “lado de lá” onde se encontram a casa de saúde Hospital Iguassú e sede de antiga prefeitura e câmara municipal, na praça João Pessoal, no sopé da Serra de Madureira, indiciavam a exaltação das benesses dos “pomos de ouro” dos laranjais. Sua rua principal, renomeada de Getúlio Vargas, em homenagem ao então Interventor Federal na década de 1930, foi a primeira a ter calçamento. No seu percurso, que ia desde a estação

⁸ Chamo aqui de *identidade* a noção de pertencimento e identificação com o local de origem ou que se escolhe viver/morar/trabalhar.

de Maxambomba até os frontões da casa de caridade, as calçadas eram largas e polvilhada por árvores, procurando transparecer a “tranquilidade ante a modernidade”. Curiosamente, a energia elétrica e o abastecimento de água por encanamentos chegariam primeiro a esta região, até hoje vista como área nobre de Nova Iguaçu.

Já no outro extremo, o “lado de cá”, onde se encontrava a sede do *Correio da Lavoura*, na praça Ministro Seabra - atual Praça da Liberdade - era - e ainda é - a área do comércio popular, espaços das parking houses - as casas de beneficiamento da laranja -, do Bar Brasil, do Bar e Bilhares Elite, dos cinemas Modelo e Verde, já apresentava uma configuração completamente oposta: ruas para o trânsito de automotores ainda sem calçamento, fios elétricos no lugar das árvores, lojas e estabelecimentos comerciais, algumas já oferecendo serviços “à eletricidade”, ditavam o ritmo dos caminhantes na urbe em ebulição. Inclusive, o Grupo Escolar Rangel Pestana está sediado neste mesmo “lado”.

A chegada da luz elétrica potencializou o surgimento de estabelecimentos que ofertavam serviços movidos à luz, como a criação de cinemas pelo distrito-sede de Iguaçu: Cinema Modelo, Cinema Verde e Cinema Iguassú, todos localizados nas ruas próximas à sede do *Correio da Lavoura* e alguns metros de instituições governamentais e esportivas. Esses novos espaços de sociabilidade ofertavam não só a possibilidade de encontros casuais aos finais de semana ou nos momentos de descanso e lazer, mas também possibilitavam que acordos, negociações e/ou aproximações fossem tecidas.

As Parking Houses - locais preparados especificamente para o beneficiamento da laranja, cultura abundante na região -, Clubes esportivos - como o Sport Club Iguassú - e as praças Ministro Seabra e João Pessoa, para citar alguns dos espaços culturais do distrito-sede, se convertiam em centros atrativos, tanto da elite local quanto das camadas mais simples. Tão importante quanto os locais “oficiais”, esses espaços ofertavam outras formas de negociação/comunicação e troca que não estavam totalmente presas as “amarras” sociais e seus códigos de ética. A publicação do periódico *Correio da*

Manhã de 11 de outubro de 1927, em coluna intitulada “Em Nova Iguassu” dava a tônica de como esses espaços de sociabilidade e lazer estavam diretamente imbricados com outras questões cidadinas, como, por exemplo, a esfera política:

A inauguração ante-hontem, effectuada da nova praça de sports do valoroso Sport Club Iguassu’, de Nova Iguassu’, a florescente cidade fluminense, veio ao encontro dos anseios de progresso que ora se nota nas principaes figuras da localidade e das aspirações da sua população (...) (EM NOVA IGUAÇU. A MANHÃ. 11 out. 1927)⁹.

A chamada não aponta, diretamente, quem seriam as “principais figuras da localidade”, mas indicia que esses sujeitos, direta ou indiretamente, estariam alinhados com as pretensões de “modernidade” desejadas para o distrito-sede. Ainda assim, é possível tensionar que por e a partir desse *locus*, as redes de solidariedade entretecidas alcançariam outras esferas da vida pública, já que “simpatias e hostilidades, amizades e rancores, solidariedade e competição mesclam-se nas configurações e nos deslocamentos que marcam as redes de sociabilidades” (ALVES, 2019, p. 9) e os locais por elas impactados. O periódico *O Paiz*, na comunicação de 28 de dezembro de 1922, na seção dedicada aos esportes, veiculava aos seus leitores os novos diretores da agremiação Sport Club Iguassú, entre os citados, Estácio Martins de Azeredo¹⁰ emerge na condição de integrante da “comissão de sindicância” no clube. Para além das atividades físicas, tais espaços culturais movimentavam muito além de disputas entre clubes, transmutavam-se em territórios políticos.

Nesse contexto, as atividades de lazer ganham um papel estratégico preponderante e se apresentam como marcas de um novo *modus vivendis*, fenômeno bem típico da cidade moderna que está se estruturando, se articulando com todas as dimensões que estavam sendo construídas. São impregnadas pela ideia de luxo, pelas marcas de classe, pela influência da tecnologia, pela espetacularização do

⁹ Obedecida à grafia original.

¹⁰ Estácio Martins de Azeredo é filho de Silvino Azeredo e representava os intentos do periódico iguaçuano.

Essas “marcações” sociais também se faziam na urbe iguaçuana. Em 7 de setembro de 1924, *O Paiz* informa a inauguração dos retratos do então presidente da nação brasileira, Arthur Bernardes, do presidente do estado, Dr. Feliciano Pires de Abreu Sodré e do chefe do Departamento de Polícia do Distrito Federal, Marechal Manoel Lopes Carneiro da Fontoura, na sucursal do “Grêmio Político e Beneficente Arthur Bernardes”, no distrito-sede de Iguassú. Entre as personalidades iguaçuanas que compareceram na solenidade, a folha registra os nomes de Octavio Ascoli, prefeito municipal, e a diretoria do Sport Club Iguassú. Na publicação do *Jornal do Comércio* de 24 de janeiro de 1936, é informada à audiência sobre a formação dos novos dirigentes do Sport Club Iguassú. Na comunicação, os novos ocupantes dos cargos do Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal e Dirigentes são apresentados. É interessante pontuar que, muitos dos que ali foram relacionados, faziam parte, também, da vida política iguaçuana, reforçando “as relações de poder que atravessam essas redes de sociabilidade” (ALVES, 2019, p. 10).

O Sport Club Iguassu, com sede em Nova Iguassu, Estado do Rio de Janeiro, empossou nos cargos do Conselho Deliberativo, Conselho Fiscal e diretores, os senhores:

Conselho Deliberativo - Dr. Sebastião de Arruda Negreiro, Dr. Mário Guimaraes, Dr. João A. Barbosa Ribeiro, Dr. Francisco Penha Villela, Dr. Joaquim Nunes Brigadão, Dr. João Alvim Almeida, Henrique Duque Estrada e Estácio Martins de Azeredo.

Suplentes - Carlos Porto Dias, Edmundo Lopes Soares, Elias José Tavares, Paulo Fróes Machado e Floriano Peixoto da Silva.

Conselho Fiscal - Edmundo Costa, Arthur Silva e Manoel de Azeredo.

Diretoria - Presidente: Coronel Sebastião Herculano de Mattos, Vice-presidente: Pantaleão Rinald, Secretário-geral: Ruy Berçot de Mattos, 1º Secretário: Asdubral Braga, 2º Secretário: Nelson Belém, 1º Tesoureiro: Coronel Nicolau Rodrigues da Silva, 2º Tesoureiro: Edson Marinho, Curador: Vicente Vernier, Sub-curador: Theophilo de Vasconcellos.

(OS NOVOS DIRIGENTES DO S. C. IGUASSÚ. *JORNAL DO COMMÉRCIO*. 24 jan. 1936).

Cruzando as informações oficiadas na coluna com as informações contidas no livro “Memórias da Câmara Municipal de Iguazu” (2000), foi possível

localizar, entre os citados, as figuras do então prefeito municipal, Dr. Sebastião de Arruda Negreiros, dos vereadores Getúlio Barbosa de Moura, Sebastião Herculano de Mattos, Pantaleão Rinaldi, João Barbosa Ribeiro - este já vereador desde os idos de 1924 - e, novamente, dois filhos de Silvino de Azeredo, Estácio Martins de Azeredo e Manoel de Azeredo. Esses sujeitos chamam para si luzes, pois indiciam como estar/pertencer ou até mesmo se envolver publicamente nas questões culturais iguaçuanas trazia rebatimentos diretos nas questões políticas locais, demonstrando como esses territórios “extraoficiais” eram tão significativos quanto aqueles socialmente estabelecidos.

Em 1933, o periódico *A Batalha*, assim como seus pares, noticiava a nova diretoria eleita para Sport Club Iguassú¹¹. Entre eles, novamente, nomes da política local, como Dr. Mario Guimarães, na vice-diretoria e Jarbas Cordeiro, jornalista e correspondente da Família Azeredo, no cargo de conselheiro fiscal. É interessante perspectivar como diferentes agentes do *Correio da Lavoura* se movimentavam por múltiplas áreas, enquanto a folha procurava apresentar-se como “a voz oficial” da cidade de Iguacu, se fazendo presente, seja pela ação direta de Silvino de Azeredo ou de seus colaboradores, nos (des)caminhos das urbes, sempre atendo aos murmúrios da cidade.

Outras questões, igualmente sensíveis para o curso da distrito-sede de Iguassú, passavam também pelos átrios do Sport Club Iguassú, indiciando, mais uma vez, como o *lugar* transmutava-se em um *território* disputado ante sua importância na sociedade municipal. Na publicação do periódico *A Noite*, de 26

¹¹ Os vestígios indicam um certo protagonismo do Sport Club Iguassú na cena futebolística fluminense. No periódico *A Batalha*, de 21 de novembro de 1933, foi noticiada à audiência da folha que o clube iguaçuano comemorava a criação de sua própria liga esportiva, a “Liga Iguacuana de Esportes”, assim como uma homenagem ao campeão do primeiro campeonato profissional de futebol, o Bangu Futebol Clube. Entre os palestrantes, figuras políticas ligadas ao Sport Club Iguassú, como o prefeito Dr. Arruda Negreiro, o correspondente do semanário local, Jarbas Cordeiro e outros políticos locais. Ainda nas comemorações, a presença do Dr. Mario Brasil, representando o time do Fluminense, encerrou as homenagens ao clube alvirrubro da avenida Cônego Vasconcelos. Para saber mais, ver: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=175102&pesq=%22sport%20club%20iguass%C3%BA%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=9103> Acesso em: 13/11/2023.

de outubro de 1932, foi informado aos leitores sobre a comissão beneficente que visitou a redação do referido jornal. O grupo feminino organizara uma festa a bordo do navio Lloyd, marcada para o dia 11 de dezembro do mesmo ano em benefício da casa de saúde de Iguassú, mais tarde chamada de Casa de Saúde Hospital Iguassú¹². Ao comunicar sobre as organizações, é veiculado que haverá uma reunião na sede do Sport Club Iguassú. Nas comemorações do primeiro centenário da Vila de Iguassú (1833-1933), o referido periódico noticiou, entre outras informações, a parada esportiva organizada pelo Sport Club Iguassú, assim como o almoço e baile oferecido às autoridades locais, estaduais e federais. Entre esses, pode-se citar a presença do então presidente, Getúlio Vargas, e do interventor estadual, Ary Parreiras.

O clube, com o correr dos anos e pela ação dos sujeitos que por ele transitavam, se estabeleceu como um núcleo “não-formal” político/cultural/social das ações empreendidas pelos grupos locais, o que só reforça como esses aparatos de lazer também colaboravam para a edificação das cidades de Iguazu, isto é, os diferentes grupos que se movimentavam e transitavam por seus becos, ruas e vielas entretecendo redes de sociabilidade e solidariedade, convergindo e divergindo a cada novo jogo de poder instituído. Esses espaços edificados no distrito-sede modificaram muitos mais que paisagens urbanas, eles contribuíram na formação, formatação e conformação do cidadão iguaçuano “esperado”. É interessante perspectivar como as relações estabelecidas nesses espaços espraiavam-se para além de seus limites e, em alguns casos, produziam fronteiras borradas entre o “sagrado” e “profano”, o “privado” e o “público”, assim como entre o “formal” e o “informal”.

¹² A casa de caridade será inaugurada em 1935 com a presença de figuras ilustres como o presidente Getúlio Vargas. O primeiro corpo diretor da instituição foi formado, entre os demais integrantes, pelo presidente - e prefeito da cidade - Dr. Arruda Negreiros e seu vice-presidente, Silvino de Azeredo.

À Guisa da Conclusão

A proposta aqui empreendida encontra-se em constante (de)(re)formação, já que a cada nova pista, achado ou documento localizado, novas possibilidades de sentido descortinam-se sobre essa cidade que se movimentava em direção ao “futuro”. Para além dos espaços formais de poder e sociabilidades, outros tantos informais - ruas, becos, vielas, praças, cinemas, bares e lojas - surgiam oportunizando um sem-número de (des)encontros que colaborariam na edificação da “identidade” iguaçuana assim como a construção de tradições ligadas a símbolos locais como a laranja e o trem.

Alguns anos mais tarde, feiras - como a Feira de Amostra de Iguassú, em 1933 -, as festas da laranja, os desfiles cívicos e outros eventos, como, por exemplo, a corrida de Ford T realizada nas ruas da cidade de Nova Iguaçu contando, inclusive, com a presença de um corredor profissional, colaborariam, também, para a perpetuação dessa memória local ligada aos grandes feitos e os benefícios vindouros da citricultura. Todas essas ações, em linhas gerais, tinham como objetivo efetivo alçar a distrito-sede de Iguaçu no hall das grandes cidades do estado do Rio de Janeiro.

No entanto, para além dessa cidade “oficial”, outras tantas cidades emergiam, buscando também espaço e visibilidade. E é nesse pulsar frenético das cidades de Iguassú que a vida efetivamente acontece. Compreender de que forma essas ações se desenrolavam e quais seriam seus impactos contribui de maneira significativa no entendimento das ações pedagogizantes propostas pelos grupos que pensavam essa cidade “moderna” e apta aos “novos tempos” vindouros.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Maria Lucia Bezerra da Silva. *Nova Iguaçu em transe: jornalismo, política e visões de cidade (1945-1964)* tese (doutorado). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2021.

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. Uberlândia: *Educação e Filosofia*, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr., 2019. Disponível em:

<https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/47879> Acesso em 29/02/2024.

CENTENÁRIO DE DOIS GRANDES MUNICÍPIOS FLUMINENSES. *A NOITE*. 14 jan. 1933. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_03&pesq=%22sport%20club%20iguass%C3%BA%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=11339 Acesso em 13/11/2023.

CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. São Leopoldo: *Educação Unisinos*, v. 12, n. 3, set./dez., 2008. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/5324> Acesso em 29/02/2024.

DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2014.

EM NOVA IGUASSÚ. *O PAIZ*. 7 set. 1924. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=178691_05&pesq=%22sport%20club%20iguass%C3%BA%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=18586 Acesso em 13/11/2023

EM NOVA IGUASSÚ. *CORREIO DA MANHÃ*. 11 out. 1927. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=116408&Pesq=%22sport%20club%20iguass%C3%BA%22&pagfis=3978> Acesso em 13/11/2023.

MELO, Victor Andrade de. Lazer, Esporte e Cultura Urbana na Transição dos Séculos XIX E XX: Conexões entre Paris e Rio de Janeiro. *Logos*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 75-92, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/15302>. Acesso em: 14 nov. 2023.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fábio de Faria. A cidade e o lazer: as desigualdades sócio-espaciais na distribuição dos equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro e a construção de um indicador que oriente as ações em políticas públicas. *Movimento*, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 127-151, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2886>. Acesso em: 17 nov. 2023.

OS NOVOS DIRIGENTES DO SPORT CLUB IGUASSÚ. *JORNAL DO COMMERCIO*. 24 jan. 1936. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=364568_12&pesq=%22sport%20club%20iguass%C3%BA%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=40493 Acesso em 13/11/2023.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. São Paulo: *Revista Brasileira de História*, vol. 27, n. 53, jun., 2007.

Disponível

em:

<https://www.scielo.br/j/rbh/a/BXNmGmrvkWDkdVR4VPskmLJ/?lang=pt>

Acesso em 29/02/2024.

PIASSÁ, Diogo. *Silvino Azeredo em alguns de seus (des)caminhos trilhados: notas sobre a Grande Iguaçu, a imprensa negra e as campanhas empreendidas pelo Correio da Lavoura no distrito-sede de Iguassú (1917-1939)*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

SILVA, José Cláudio Sooma. *Teatros da modernidade: representações de cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920*. Tese (doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.

SIMÕES, Manuel Ricardo. *A Cidade Estilhaçada: reestruturação econômica e emancipações municipais na Baixada Fluminense*. Mesquita: Ed. Entorno, 2007.

UMA FESTA ENCANTADORA. A NOITE. 26 out. 1932. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=348970_03&pesq=%22sport%20club%20iguass%C3%BA%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=10320 Acesso em 13/11/2023.

Recebido em: 29/02/2024

Aprovado em: 02/08/2024

Publicado em: 30/08/2024